

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	vii
Introdução à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	ix
Prefácio	xi
Reduções gráficas (abreviações e siglas) ..	xii
Introdução a Romanos	1
Romanos 1.1-7	16
<i>O evangelho de Deus em Cristo</i> <i>anunciado por Paulo</i>	
Romanos 1.8-15	22
<i>Os gentios e a obediência da fé</i>	
Romanos 1.16,17	28
<i>O evangelho da salvação</i>	
Romanos 1.18-32	34
<i>A história de Israel e a história dos gentios</i>	
Romanos 2.1-11	40
<i>A história de Israel no presente e no futuro</i>	
Romanos 2.12-16	46
<i>A história dos gentios no presente</i> <i>e no futuro</i>	
Romanos 2.17-24	52
<i>Paulo reinterpreta a história de Israel</i>	
Romanos 2.25-29	58
<i>Os gentios e a restauração de Israel</i>	
Romanos 3.1-8	64
<i>A fidelidade de Deus e as maldições da</i> <i>aliança sobre Israel</i>	
Romanos 3.9-20	70
<i>O mundo todo está sob as</i> <i>maldições da aliança</i>	
Romanos 3.21-26	76
<i>A justiça redentora de Deus e a</i> <i>restauração de Israel</i>	
Considerações adicionais	82
<i>Sacrifício Redenção O uso que Paulo</i> <i>faz de materiais oriundos da tradição</i>	
Romanos 3.27-31	84
<i>O orgulhar-se na lei versus a</i> <i>justificação pela fé</i>	
Considerações adicionais	90
<i>A fé e a lei nos textos de Paulo</i>	
Romanos 4.1-8	92
<i>A história de Abraão em contraste</i> <i>com a história de Israel</i>	
Romanos 4.9-17a	98
<i>A aliança abraâmica em contraste</i> <i>com a aliança mosaica</i>	
Romanos 4.17b-25	104
<i>Fé, Abraão e o cristão</i>	
Romanos 5.1-4	110
<i>Bênçãos da nova aliança: paz e esperança</i>	
Romanos 5.5-11	116
<i>Bênçãos da nova aliança: amor</i>	
Romanos 5.12-14	122
<i>Adão, a lei e a maldição da aliança</i>	
Romanos 5.15-21	128
<i>A nova humanidade como bênção</i> <i>da nova aliança</i>	
Romanos 6.1-7	134
<i>Novo domínio como bênção da nova</i> <i>aliança: mortos para o pecado</i>	
Considerações adicionais	140
<i>Os antecedentes do batismo cristão</i>	

Romanos 6.8-14	142	Romanos 12.3-8	240
<i>Novo domínio como bênção da nova aliança: vivos para Deus</i>		<i>Serviço na comunidade da nova aliança</i>	
Romanos 6.15-23	148	Considerações adicionais	246
<i>O novo domínio do cristão: dedicados à justiça</i>		<i>Os antecedentes da analogia paulina do corpo de Cristo</i>	
Romanos 7.1-12	154	Romanos 12.9-21	248
<i>Liberdade da lei por meio de Cristo, escravidão à lei por meio de Adão</i>		<i>A ética de amor da nova aliança</i>	
Romanos 7.13-25	160	Romanos 13.1-7	254
<i>“Desgraçado homem que sou!”: a batalha das duas eras dentro do cristão</i>		<i>Deus e o governo</i>	
Romanos 8.1-17	166	Romanos 13.8-14	260
<i>O Espírito Santo e as bênçãos da nova aliança</i>		<i>Ética e escatologia</i>	
Romanos 8.18-30	172	Romanos 14.1-12	266
<i>O Espírito e a glória da era vindoura e a nova aliança</i>		<i>“Fracos” e “fortes” devem conviver pacificamente</i>	
Romanos 8.31-39	178	Romanos 14.13-23	272
<i>Justificação diante de Deus por causa do amor de Cristo</i>		<i>Cristãos fortes e fracos: a nova e a antiga aliança</i>	
Romanos 9.1-5	184	Romanos 15.1-13	278
<i>Israel, as maldições presentes e as bênçãos passadas da aliança</i>		<i>A união de fortes e fracos e a nova aliança</i>	
Romanos 9.6-29	190	Romanos 15.14-21	284
<i>Maldições da aliança sobre Israel, bênçãos da aliança sobre os gentios</i>		<i>Paulo, o apóstolo da nova aliança aos gentios</i>	
Romanos 9.30—10.5	196	Romanos 15.22-29	290
<i>A inversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: fé no lugar da lei</i>		<i>Oferta para Jerusalém e missão à Espanha</i>	
Considerações adicionais	202	Romanos 15.30-33	296
<i>Antecedentes deuteronômicos Zelo fanático Telos</i>		<i>Maldições sobre os descrentes, bênçãos sobre os crentes</i>	
Romanos 10.6-21	204	Romanos 16.1,2.....	302
<i>A inversão das maldições e bênçãos deuteronômicas: justiça que vem da fé</i>		<i>Paulo, Febe, amparo e a Espanha</i>	
Romanos 11.1-10	210	Romanos 16.3-16	308
<i>Exílio para a nação de Israel, restauração para o Israel espiritual</i>		<i>Saudações de Paulo às igrejas romanas</i>	
Romanos 11.11-24	216	Romanos 16.17-20	314
<i>A bondade e a severidade de Deus</i>		<i>Maldições sobre os falsos mestres, bênçãos sobre os cristãos romanos</i>	
Romanos 11.25-32	222	Romanos 16.21-23	320
<i>O mistério e a misericórdia de Deus</i>		<i>Saudações dos colaboradores de Paulo em Corinto aos cristãos romanos</i>	
Romanos 11.33-36	228	Romanos 16.25-27	326
<i>O plano divino de salvação</i>		<i>A doxologia</i>	
Romanos 12.1,2.....	234	Notas	333
<i>Testemunhas da nova aliança</i>		Bibliografia	343
		Créditos das imagens	348
		Índice de assuntos	350

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta feita pelos organizadores quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários modernos muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As discussões sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em discussões técnicas, os pastores em geral lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento hermenêutico. Existe a necessidade de um

comentário que empregue o que há de melhor em termos de pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido para cumprir esse propósito: disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira como de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se preparam semanalmente com o auxílio desta obra vão saber que estão lendo a cada semana, de modo aproximado, a mesma quantidade de texto.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e uma lista de seus temas-chave. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem,

seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo em que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar discussões mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Hoje em dia, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto na seção “Para entender o texto”, cada unidade de até seis páginas traz as

seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, a Palavra de Deus, “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade.

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Principais temas*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante

à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser extremamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Principais temas”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui o comentário sugere ilustrações úteis em áreas como literatura, entretenimento, história e biografia. O propósito é oferecer ideias gerais para ilustrar os principais temas da passagem e, desse modo, servir como catalisador para uma ilustração eficaz do texto.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para encurtar a distância entre o texto bíblico e sua aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Outra explicação se faz necessária. Neste comentário de Romanos, não traduzimos *atonement* por “expição”, como é comum em obras teológicas traduzidas para o português, mas por “adunação” ou “obra/morte reconciliatória”. Ao fazer essa escolha, preservamos a distinção comum nos estudos teológicos em língua inglesa, em que a obra ou morte reconciliatória de Cristo é denominada *atonement* (formada a partir de *at + one*, à semelhança do latim *adunatio*, também formado a partir de *ad + unus*), o

que distingue a obra da cruz de seus desdobramentos: a “expição” (*expiation*; ação de eliminar o pecado) e a “propiciação” (*propitiation*; ação de afastar a ira punitiva de Deus). A palavra *atonement*, cunhada no processo de tradução da Bíblia para o inglês, busca transmitir de modo mais preciso o ato de tornar o pecador um só com Deus, ou seja, reconciliá-lo com Deus, e nisso abarca mais da gama de sentidos de seus equivalentes originais hebraico (*kapporet*) e grego (*hilasteriōn*) do que o termo “expição”. No âmago da morte reconciliatória de Cristo, encontram-se expição e propiciação: a expição estando condicionada à propiciação e a propiciação produzindo a expição. Desse modo, traduzir *atonement* por “expição” ou por “propiciação” em vez de usar o termo mais abrangente “adunação” deixaria de fora uma ou outra dimensão da linguagem sacrificial.

Prefácio

É uma grande alegria participar da *Série Comentário Expositivo*. Não consigo imaginar outro livro da Bíblia sobre o qual gostaria mais de escrever um comentário que a Carta de Paulo aos Romanos e é um privilégio receber o pedido de fazê-lo. Oro para que o leitor fique entusiasmado com a mensagem deste que é o mais importante dos escritos de Paulo.

Nenhum livro é uma empreitada independente e a presente obra não é exceção. Muitas pessoas me ajudaram a realizar o sonho de transformar este manuscrito em realidade. Menciono aqui apenas algumas. Primeiro, desejo agradecer a Mark Strauss pelo convite para participar desta série de comentários. Mark é um editor “de quem me agrado” (citando um texto bíblico)! Seu profissionalismo, seu discernimento e sua paciência me ajudaram a manter o rumo ao longo do projeto, e sou profundamente grato a ele por isso. Também foi uma grande satisfação realizar este trabalho em conjunto com uma ex-colega minha, a estimada Rosalie de Rosset. A dra. Rosset é uma professora perspicaz, com amplo conhecimento tanto de literatura quanto de teologia. É, portanto, uma honra que ela e outro colaborador, Mark Eckel, tenham contribuído com as seções de natureza

ilustrativa e prática de cada capítulo. E, como sempre, foi um prazer trabalhar com a excelente equipe da editora Baker; mais uma vez, fiquei impressionado com seu compromisso com o texto sagrado.

Também desejo expressar gratidão a minha aluna e assistente, sra. Jennifer Hill. Jennifer digitou a maior parte do manuscrito e, desse modo, realizou a tarefa quase impossível de ler minha caligrafia! É um prazer informar que, no momento, Jennifer e seu marido, Jason, se preparam para servir ao Senhor como missionários internacionais. Por fim, é uma bênção contínua trabalhar com uma instituição excelente como a Ouachita Baptist University. O pessoal da administração, os professores e especialmente os alunos merecem muitos agradecimentos por criarem um ambiente que promove o amor de Deus e o amor pelo aprendizado. Espero que este comentário de Romanos reflita esse sentimento.

C. Marvin Pate,
Titular da cátedra de Teologia Cristã,
Pruet School of Christian Studies,
Ouachita Baptist University.

30 de março de 2012

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

Gerais

c.	cerca de, por volta de
cap(s).	capítulo(s)
cf.	conferir
cp.	comparar com
esp.	especialmente
marg.	margem
m.	morto em
n.	nascido em
p. ex.	por exemplo
s.v.	<i>sub verbum</i> (no verbete)
TP	tradução em português
v.	versículo(s)

Versões e textos antigos

LXX	Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento)
TM	Texto massorético

Versões modernas

A21	Almeida século 21
ARA	Almeida, Revista e atualizada
ARC	Almeida, Revista e corrigida
BJ	Bíblia de Jerusalém
ESV	English Standard Version
NIV	New International Version

NRSV	New Revised Standard Version
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional

Apócrifos e Septuaginta

Ac Et	Acréscimos a Ester
Br	Baruque
Eo	Eclesiástico
Jt	Judite
1Mc	1Macabeus
2Mc	2Macabeus
4Mc	4Macabeus
Sb	Sabedoria de Salomão
Tb	Tobias

Pseudepígrafos do Antigo Testamento

<i>Apoc. Ab.</i>	<i>Apocalipse de Abraão</i>
<i>Apoc. Moisés</i>	<i>Apocalipse de Moisés</i>
<i>2Br</i>	<i>2Baruque (Apocalipse siríaco)</i>
<i>3Br</i>	<i>3Baruque (Apocalipse grego)</i>
<i>4Br</i>	<i>4Baruque (Paraleipomena Jeremiou)</i>
<i>C. Arís.</i>	<i>Carta de Arístéas</i>
<i>4Ed</i>	<i>4Esdras</i>
<i>5Ed</i>	<i>5Esdras</i>
<i>1En</i>	<i>1Enoque (Apocalipse etíope)</i>
<i>2En</i>	<i>2Enoque (Apocalipse eslavônico)</i>

<i>Jos. Asen.</i>	<i>José e Asenate</i>
<i>Jub.</i>	<i>Jubileus</i>
<i>L.A.B.</i>	<i>Liber antiquitatum biblicarum (Pseudo-Filo)</i>
<i>Or. Sib.</i>	<i>Oráculos sibilinos</i>
<i>Sl. Sal.</i>	<i>Salmos de Salomão</i>
<i>T. Benj.</i>	<i>Testamento de Benjamim</i>
<i>T. Judá</i>	<i>Testamento de Judá</i>
<i>T. Levi</i>	<i>Testamento de Levi</i>
<i>T. Rúb.</i>	<i>Testamento de Rúben</i>
<i>T. Zeb.</i>	<i>Testamento de Zebulom</i>
<i>V.A.E.</i>	<i>Vida de Adão e Eva</i>

Manuscritos do Mar Morto

CD	<i>Documento de Damasco</i>
1QH ^a	<i>1QHodayot^a</i>
1QM	<i>1QOlo da Guerra</i>
1QpHab	<i>1QPesher de Habacuque</i>
1QS	<i>1QRegra da Comunidade</i>
1QSa	<i>1QRegra da Congregação</i>
4QMMT	<i>4QCarta Haláquica</i>
4Q171 (4QpPs ^a)	<i>4QPesher de Salmos^a</i>
4Q174 (4QFlor)	<i>4QFlorilégio</i>

Mishná e Talmude

<i>b.</i>	<i>Talmude babilônico</i>
<i>m.</i>	<i>Mishná</i>
<i>t.</i>	<i>Toseftá</i>
<i>y.</i>	<i>Talmude de Jerusalém</i>
<i>'Abod. Zar.</i>	<i>'Abodah Zarah [Idolatria]</i>
<i>'Abot</i>	<i>'Abot [País]</i>
<i>Hag.</i>	<i>Hagigah [Oferta festiva]</i>
<i>Ker.</i>	<i>Kerithot [Extirpação]</i>
<i>Ned.</i>	<i>Nedarim [Votos]</i>
<i>Shabb.</i>	<i>Shabbat [Sábado]</i>
<i>Sanh.</i>	<i>Sanhedrin [Sinédrio]</i>
<i>Yad.</i>	<i>Yadayim</i>

Material targúmico

<i>Tg. Neof.</i>	<i>Targum neofiti</i>
<i>Tg. Yer.</i>	<i>Targum Yerushalmi</i>

Outras obras rabínicas

<i>Mek.</i>	<i>Mekilta [Comentário]</i>
<i>Pesiq. Rab.</i>	<i>Pesiqta [Homilia] Rabbati</i>
<i>Rab.</i>	<i>Rabá</i>

Pais apostólicos

<i>1 Clem.</i>	<i>1 Clemente</i>
<i>In. Efe.</i>	<i>Inácio, aos efésios</i>
<i>In. Mag.</i>	<i>Inácio, aos magnésios</i>
<i>Mart. Pol.</i>	<i>Martírio de Policarpo</i>

Obras gregas e latinas

Agostinho

<i>Conf.</i>	<i>Confissões (Confessionum libri XIII)</i>
<i>Juliano</i>	<i>Contra Juliano (Contra Julianum)</i>
<i>Esp. Let.</i>	<i>O espírito e a letra (De spiritu et littera)</i>

Aristóteles

<i>Et. Nic.</i>	<i>Ética a Nicômaco (Ethica nicomachea)</i>
<i>Pol.</i>	<i>Política</i>

Columela

<i>Rust.</i>	<i>Sobre a agricultura (De re rustica)</i>
--------------	--

Epicteto

<i>Disc.</i>	<i>Discursos (Dissertationes)</i>
--------------	-----------------------------------

Eurípedes

<i>Andr.</i>	<i>Andrômaca</i>
--------------	------------------

Eusébio

<i>Hist. Ecl.</i>	<i>História eclesiástica (Historia ecclesiastica)</i>
-------------------	---

Filo

<i>Abraão</i>	<i>Da vida de Abraão (De Abrahamo)</i>
<i>Criação</i>	<i>Da criação do mundo (De opificio mundi)</i>
<i>Decálogo</i>	<i>Do Decálogo (De decalogo)</i>
<i>Embaixada</i>	<i>Da embaixada a Gaio (Legatio ad Gaium)</i>
<i>Flaco</i>	<i>Contra Flaco (Adversus Flaccum)</i>
<i>Leis Esp.</i>	<i>Das leis especiais (De specialibus legibus)</i>
<i>Moisés</i>	<i>Da vida de Moisés (De vita Mosis)</i>

Posteridade *Da posteridade de Caim (De posteritate Caini)*
 Querubins *Dos querubins (De cherubim)*
 Virtudes *Das virtudes (De virtutibus)*

Horácio

Sat. *Sátiras (Satirae)*

Ireneu

Haer. *Contra as heresias (Adversus haereses)*

João Crisóstomo

Hom. Rom. *Homilias sobre Paulo aos Romanos*

Josefo

Ápion *Contra Ápion (Contra Apionem)*
 Ant. *Antiguidades judaicas (Antiquitates judaicae)*
 G. Jud. *Guerras judaicas (Bellum judaicum)*
 Vida *Vida [de Flávio Josefo] (Vita)*

Juvenal

Sat. *Sátiras (Satirae)*

Lívio

Hist. *História de Roma (Ab urbe condita libri)*

Marco Aurélio

Medit. *Meditações*

Ovídio

Cura *A cura do amor (Remedia amoris)*
 Metam. *Metamorfoses*

Paládio

Insit. *Sobre enxertos (De insitione)*

Plutarco

Mor. *Preceitos morais (Moralia)*

Pseudo-Aristóteles

Cosmos *Cosmos (De mundo)*

Pseudo-Luciano

Asin. *Asinus (Lúcio ou o Burro)*

Sêneca

Ep. Mor. *Epistulae morales [Epístolas morais]*
 Ira *Sobre a ira [De ira]*

Suetônio

Cláudio *A vida de Cláudio (Divus Claudius)*

Tácito

Anais *Anais (Annales)*
 Hist. *Histórias (Historiae)*

Tucídides

Hist. *História da Guerra o Peloponeso*

Xenofonte

Cir. *Ciropédia (Cyropaedia)*

Fontes secundárias

BDAG *Bauer, W.; Danker, F. W.; Arndt, W. F.; Gingrich, F. W. Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature. 3. ed. (Chicago, 1999).*

NPNF¹ *Nicene and post-Nicene fathers, série 1.*

PAN *Pais antenicanos*

PL *Patrologia latina [= Patrologiae cursus completus: série latina]. Edição de J.-P. Migne (Paris, 1844-1864), 217 vols.*

Str-B *Strack, H. L.; Billerbeck, P. Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch (Munich: Beck, 1922-1961), 6 vols.*

TDNT *Theological dictionary of the New Testament. Edição de G. Kittel; G. Friedrich. Tradução de G. W. Bromiley. (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976), 10 vols.*

Introdução a Romanos

Depois de Jesus Cristo, o apóstolo Paulo é indiscutivelmente a figura mais importante da fé cristã. Sua vida, suas cartas e sua teologia moldaram o cristianismo de forma indelével nos dois últimos milênios. Alguns dos principais líderes da igreja conferiram uma posição elevada ao apóstolo aos gentios: Pedro o honrou (2Pe 3.15,16); Agostinho recorria a ele; Lutero tinha por ele grande respeito; Barth debatia com veemência por causa dele, e tanto os proponentes da “antiga perspectiva” quanto os da “nova perspectiva” sobre Paulo o aclamam como integrante de seus respectivos círculos.¹ E não é de surpreender que, mais cedo ou mais tarde, essas pessoas e movimentos acabem baseando sua visão de Paulo na obra magna dele, a carta aos Romanos. Paulo e Romanos: uma combinação imbatível que lança por terra qualquer ideia de retidão diante de Deus em função de obras; um bálsamo para a alma que anseia por paz com Deus; uma proclamação repleta de esperança de que Deus começou a reconciliar o mundo consigo

mesmo. Nada mais apropriado, portanto, que um comentário sobre Romanos. É evidente que já existem inúmeros textos sobre essa carta que remontam até aos pais da igreja primitiva, mas cada geração merece uma nova apresentação dessa antiga obra-prima escrita por Paulo entre 55 e 58 d.C. Esta é a tarefa desafiadora, mas ao mesmo tempo prazerosa, que o presente estudo procura realizar. Antes de uma introdução à carta de Paulo aos cristãos em Roma, porém, é necessário tecermos alguns comentários a respeito de Paulo como indivíduo, a saber, os contornos de seu mundo, a extensão de suas cartas e o núcleo de seu pensamento.

Paulo como indivíduo: seu(s) mundo(s), suas cartas e sua teologia

O(s) mundo(s) de Paulo

Paulo foi produto de três mundos: o greco-romano, o judaico e o cristão. Cada um exerceu impacto crescente sobre ele, como círculos concêntricos. Na periferia do mundo de Paulo estava o âmbito greco-romano



Ícone de Paulo, em foto parcial de uma peça grande intitulada *Cristo e os Doze Apóstolos*, de uma igreja ortodoxa do século 19 na região de Antália, na Turquia.

de influência. Como a maioria dos que viajavam pelo Império Romano em meados do primeiro século d.C., Paulo falava a língua do comércio, legada às massas de sua época: o grego coiné (comum). Era uma mistura de dialetos gregos clássicos e línguas nativas dos povos conquistados por Alexandre, o Grande (c. 330 a.C.). A coiné era a língua con-

venção usada para a cultura e o comércio, como o inglês hoje em dia. A influência da cultura grega sobre Paulo também fica evidente no modo como ele lançava mão de antigas tradições clássicas da filosofia grega como o platonismo, o estoicismo e o epicurismo. Paulo também se valia de recursos da retórica grega, como a diatribe (p. ex., o discurso do insensato) e a perístase (p. ex., uma lista detalhada de aflições). E, é claro que o conceito de *polis* (cidade) e até mesmo o de democracia tiveram relevância contínua nas experiências diárias de Paulo. A poderosa Roma exercia forte influência sobre todas as províncias romanas e Paulo fez uso extenso de suas contribuições: a *pax Romana* (paz romana), estabelecida por César Augusto (c. 31 a.C. a 14 d.C.) em um mundo fragmentado por guerras civis e aterrorizado por piratas nos mares e bandidos em terra firme; uma infraestrutura sólida e amplamente difundida; e

um sistema jurisprudencial imparcial que transcendia a pequenez das questões políticas locais. Aliás, esta última contribuição garantiu a Paulo uma audiência no tribunal em Roma, cidade para onde o apóstolo se encaminhava e estava determinado a visitar.

Contudo, Paulo veio ao mundo como Saulo, judeu de nascimento e de criação. Embora tenha sido criado na cidade gentílica de Tarso, é provável que seus pais o tenham levado para Jerusalém ainda jovem, a fim de ser educado para se tornar rabino (At 22.2,3). Ali, destacou-se de seus colegas na compreensão da Torá, nas tradições orais dos fariseus e em seu amor pela terra de Israel. De fato, o zelo judaico de Paulo era tão grande que ele se dedicou a erradicar o mais novo grupo que surgiu à margem do judaísmo, os seguidores de Jesus. O zelo de Paulo por Moisés, sua aversão à influência gentílica sobre o judaísmo e seu ódio de Jesus o levaram a opor-se à igreja até mesmo com violência. Ele relata seu fervor pelo judaísmo e o desprezo pela igreja especialmente em Gálatas 1.13-14; Filipenses 3.4-6 e 1Timóteo 1.13 (cf. At 9.1,2).

Entretanto, algo “singular” aconteceu ao fariseu Paulo, quando estava a caminho de Damasco para perseguir cristãos: ele foi salvo por meio de um encontro com o Jesus ressurreto (Gl 1.15,16; Fp 3.7-11; cf. At 9.3-18; 22.2-21; 26.4-23). Paulo, então, rendeu-se ao Jesus crucificado, o único e verdadeiro Cristo glorioso e, num xeque-mate divino, Saulo, o perseguidor dos gentios, foi chamado, ali mesmo, para ser apóstolo às nações. Num instante, Paulo trocou a lei de Moisés pela fé em Cristo, o ódio aos não judeus pelo amor à igreja, a terra de Israel pelo reino de Deus, a circuncisão e a antiga aliança pela cruz do Calvário. O encontro de Paulo com o Jesus ressurreto foi nada menos que uma conversão e, ao mesmo tempo, um chamado.²

Na verdade, o fato de Deus separar Paulo para pregar aos gentios o evangelho de Jesus Cristo cumpriu a predição de conversão escatológica das nações feita por profetas veterotestamentários como Isaías e Miqueias.³

As cartas de Paulo

Treze cartas do Novo Testamento são atribuídas a Paulo e, tradicionalmente, divididas em quatro categorias: as primeiras cartas (1 e 2 Tessalonicenses), as grandes cartas (Gálatas [que, na opinião de alguns, foi a primeira carta de Paulo], Romanos, 1 e 2 Coríntios), as cartas da prisão (Filipenses, Efésios, Colossenses e Filemom) e as Cartas Pastorais (1 e 2 Timóteo, Tito).

No último século, porém, a abordagem tradicional às cartas de Paulo tem sido alvo de questionamentos intensos por parte dos estudiosos de tendências menos conservadoras. Esses estudiosos atribuem ao apóstolo apenas sete das cartas chamadas paulinas: Gálatas, Romanos, 1 e 2 Coríntios, 1 Tessalonicenses, Filipenses e Filemom. A seu ver, as demais cartas foram escritas por discípulos de Paulo depois da morte do apóstolo, por volta de 64 d.C. Argumenta-se, portanto, que esses escritos “pseudônimos” mais tardios não devem ser levados em séria consideração para discernimento da teologia paulina. Essa corrente de estudos paulinos baseia suas asserções em três argumentos principais: primeiro, o vocabulário das cartas contestadas é diferente do vocabulário das cartas incontestavelmente paulinas; segundo, a história que se presume pelas cartas pastorais não harmoniza nem com os acontecimentos das cartas de Paulo, nem com os relatos de suas viagens registrados em Atos; terceiro, a teologia das cartas pseudônimas é conflitante com as cartas incontestavelmente paulinas.

Uma vez que não há dúvidas sobre a autoria paulina de Romanos, um comentário de Romanos não precisa apresentar discussão detalhada acerca de quantas cartas Paulo escreveu, mas devemos pelo menos observar de passagem as refutações tradicionais aos argumentos mencionados anteriormente. Primeiro, a diferença de vocabulário entre as cartas paulinas de autoria contestada e as de autoria não contestada pode ser explicada pelo uso de secretários diferentes (Rm 16.22 menciona Tércio como sendo um deles) e pelo vocabulário diferente que foi preciso para tratar das várias circunstâncias de cada igreja à qual o apóstolo escreveu. Segundo, há motivos convincentes para propor a teoria de que Paulo foi liberto da prisão em Roma, registrada em Atos 28 (c. 62 d.C.) e, depois disso, realizou uma viagem missionária à Espanha (cf. Rm 15) e, talvez, a outros lugares, mas que, em seguida, foi detido com Pedro e outros cristãos para ser julgado pelo imperador Nero em Roma. Ali, de acordo com tradições confiáveis, Paulo e Pedro foram martirizados por sua fé em Cristo

Interior de uma prisão antiga no sopé do monte Capitolino, em Roma, de onde se avista o Fórum Romano. Construída entre o sexto e o sétimo séculos a.C. e usada até o quarto século d.C., é chamada de Prisão Mamertina. Atualmente se encontra abaixo da igreja de San Giuseppe dei Falegnami. Diz a lenda que Paulo e Pedro foram mantidos aqui enquanto aguardavam suas execuções.



(c. 64 d.C.). Aliás, o fato de Lucas, colaborador em alguns trabalhos missionários de Paulo e autor de Atos, não registrar a morte de Paulo em Atos 28 aponta claramente para essa teoria. Terceiro, a teologia geral das cartas paulinas de autoria contestada — a sobreposição das duas eras (veja adiante) — também é a força motriz das cartas incontestavelmente paulinas, como mais de um estudioso já observou. E se esse é o caso em relação ao tema principal do pensamento do apóstolo, por que duvidar que aconteça o mesmo ou algo semelhante em relação aos temas secundários de Paulo?⁴

A teologia de Paulo

Quatro teses principais competem entre si como núcleo do pensamento de Paulo: a justificação pela fé, a teoria de Tübingen, a abordagem da história das religiões e a escatologia judaica. Minha discussão desses temas parte do pressuposto de que, se for possível identificar a chave para o pensamento de Paulo, encontraremos nela parâmetros para a interpretação de suas cartas.

Com a Reforma Protestante, a justificação pela fé assumiu a dianteira na competição pelo núcleo da teologia de Paulo (ao menos entre os não católicos), especialmente quando se leva em consideração Gálatas, Romanos e Filipenses (cap. 3). De acordo com a tese dessas cartas, o pecador é declarado justo diante de Deus pela simples fé em Jesus Cristo, não pelas obras da lei de Moisés, a Torá. Sem dúvida, a justificação pela fé é um elemento de grande importância na teologia de Paulo, como veremos repetidamente na carta aos Romanos. Contudo, estudiosos paulinos do século 20 observaram corretamente que, embora a justificação seja importante para Paulo, não permeia o restante de seus escritos. Antes, a doutrina da justificação pela fé parece ser um ensinamento que

Paulo explicou e defendeu em resposta à influência dos judaizantes sobre algumas das igrejas para as quais ele escreveu, mas não todas. Em outras palavras, a apologia paulina da justificação pela fé era uma refutação do ensinamento falso dos judaizantes de que a salvação se dá pela fé em Cristo acrescida da obediência à Torá. É bem provável, portanto, que a justificação pela fé não seja o tema global que inspira o conjunto de escritos paulinos.

A teoria de Tübingen é assim chamada por causa da universidade dessa cidade alemã e está associada a um dos mais importantes professores de teologia dessa instituição, F. C. Baur.⁵ Em meados do século 19, Baur afirmou que a chave para entender Paulo e, de fato, todo o Novo Testamento, é observar que, por todas as suas páginas, desenrola-se uma verdadeira guerra civil teológica: Paulo e a mensagem da justificação pela fé contra Pedro e a mensagem da justificação pela fé acrescida das obras da Torá (os judaizantes). Coube à obra anônima de Atos, no segundo século, pintar um retrato idílico da igreja primitiva, no qual Paulo e Pedro aparecem como amigos chegados. Embora a teoria de Tübingen tenha desfrutado de grande aceitação entre intérpretes do Novo Testamento na Europa do século 19 e da primeira metade do século 20, sua influência praticamente desapareceu na segunda metade do século 20 graças a duas considerações. Primeiro, os estudiosos reconheceram a verdadeira natureza da teoria de Baur, a saber, uma imposição sobre o Novo Testamento da filosofia dialética de Hegel: tese (a mensagem de Paulo) e antítese (a mensagem de Pedro) que resultam em síntese (a conciliação de ambas em Atos). Em outras palavras, a teologia de Paulo e o Novo Testamento foram distorcidos pela imposição de categorias filosóficas. Segundo, poucos estudiosos de hoje duvidam que Lucas tenha escrito Atos e que o

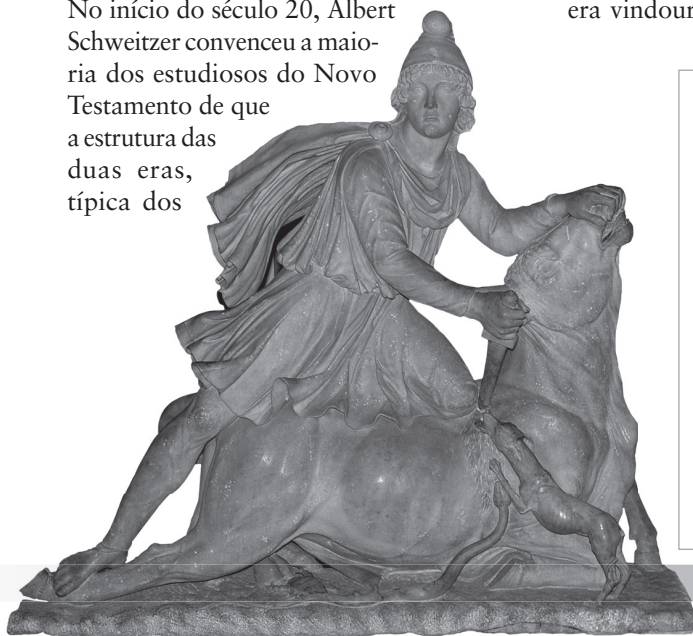
tenha feito no final do primeiro século, e não entre o meio e o fim do segundo século.

Na primeira metade do século 20, outra hipótese a respeito do núcleo da teologia paulina surgiu; dessa vez, da escola da história das religiões. Embora diversos conceitos se encontrassem sob o bojo dessa abordagem, tinham em comum a ideia de que Paulo abrisse mão da fé judaica para adotar uma religião helenística (grega), fosse ela uma das religiões de mistério gregas (conforme Richard Reitzenstein), o misticismo helenístico (conforme Adolf Deissmann) ou o gnosticismo platônico (conforme Rudolf Bultmann).⁶ Hoje, a abordagem da história das religiões ainda é defendida por alguns estudiosos de destaque (p. ex., os membros do Jesus Seminar, Elaine Pagels, Bart Ehrman), mas a maioria dos estudiosos afirma que Paulo foi fiel a sua herança judaica, e que a influência helenística ocupou a periferia, e não o centro de sua teologia. Isso se sustenta mesmo depois de levarmos em conta a interpenetração do helenismo e do judaísmo no primeiro século.⁷

A quarta tese concorrente sobre o núcleo do pensamento de Paulo é a escatologia judaica, mas em forma revisada.

No início do século 20, Albert Schweitzer convenceu a maioria dos estudiosos do Novo Testamento de que a estrutura das duas eras, típica dos

escritos do judaísmo do Segundo Templo (o judaísmo do período entre a reconstrução do Segundo Templo em Jerusalém, em 519 a.C., e sua destruição pelos romanos, em 70 d.C.), era a chave não apenas para a mensagem de Jesus, mas também para a teologia de Paulo. No tempo de Jesus, o judaísmo apocalíptico, que se tornara um elemento importante da teologia judaica, ensinava que a história se divide em duas eras: a presente era de pecado e tristeza causada pela queda de Adão, e a era vindoura do reino de Deus, um período de justiça e paz sem precedentes que seria estabelecido pelo Messias.⁸ Para a maioria dos estudiosos paulinos da atualidade, essa é a chave para o pensamento de Jesus, de Paulo e, na verdade, de todo o Novo Testamento.⁹ Concordo com essa ideia. Existe, porém, uma diferença importante entre o antigo panorama judaico das duas eras e o Novo Testamento: enquanto o primeiro esperava que essas duas eras fossem consecutivas (quando o Messias viesse, substituiria por completo a presente era pela era vindoura), o último afirma que essas duas eras são, no presente, simultâneas, ou seja, elas se sobrepõem. Deste modo, com a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, a era vindoura (o reino de Deus) irrompeu

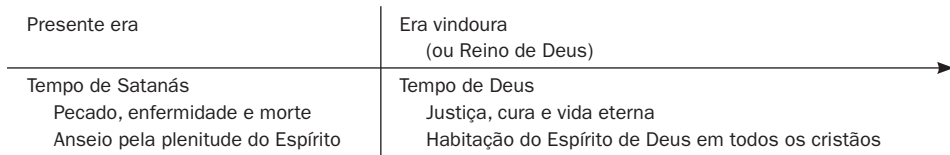


Paulo desenvolveu sua teologia sob a direção do Espírito Santo, em uma época em que o Império Romano politeísta era bastante tolerante em relação à religião e mostrava a tendência de absorver outras crenças em seu próprio sistema pagão. À medida que a adoração a deuses e deusas estatais deixou de ser uma convicção religiosa e se tornou uma observância ritualista, várias religiões de mistério começaram a surgir. Dentre estas, a mais proeminente no final do primeiro século d.C. era o culto ao deus Mitra, cujos seguidores se reuniam em locais onde normalmente havia uma imagem de Mitra prestes a sacrificar o touro divino, como a que aparece nessa escultura datada do segundo século d.C.

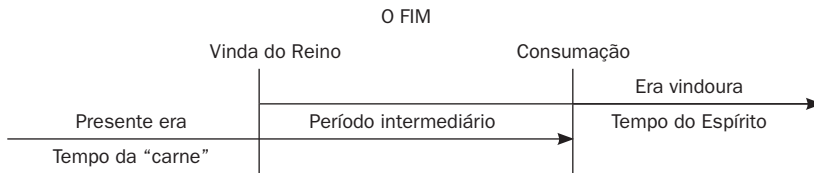
na era presente, mas não a encerrou. Esse conceito é conhecido como “escatologia inaugurada” e afirma que, com a primeira vinda de Cristo, já raiou a era vindoura,

que se completará somente com a segunda vinda de Cristo. Os dois quadros a seguir ilustram a estrutura judaica das duas eras e a modificação feita por Jesus:

Visão do judaísmo antigo



Visão do cristianismo



Para nossos propósitos, o livro de Romanos atesta a importância dessa sobreposição das duas eras para compreender o conceito paulino de justificação pela fé: a fé em Jesus Cristo, sem as obras da Torá, projeta na era presente a justificação escatológica dos pecadores por Deus. Tratarei desse assunto de modo mais extenso no comentário; por ora, basta observar que a escatologia inaugurada (a chave para a teologia de Paulo) e a justificação pela fé caminham lado a lado em Romanos.

Com isso em mente, podemos nos voltar agora à introdução da carta de Paulo aos Romanos.

A carta aos Romanos

Esta introdução a Romanos seguirá o procedimento costumeiro de discutir a importância do texto na história da igreja, a redação, a data e o local em que foi escrito, os destinatários, o tema, o propósito e o gênero/esboço. Estes comentários iniciais renderão, contudo,

alguns resultados surpreendentes, especialmente com respeito aos três últimos itens mencionados. Esperamos que essas observações tragam esclarecimento considerável em relação à carta como um todo.

A importância de Romanos na história da igreja

Mais do que praticamente qualquer outro livro da Bíblia, Romanos moldou de forma expressiva a história da igreja. Esse fato não surpreende, tendo em vista que Romanos é a explicação mais sistemática do evangelho de Jesus Cristo no Novo Testamento. Podemos nos lembrar aqui de alguns indivíduos mencionados anteriormente cuja vida foi transformada pela mensagem de Romanos. Agostinho (pai da igreja, do quinto século) finalmente encontrou paz em Deus depois de ler Romanos 13.14: “Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo; e não fiquéis pensando em como atender aos desejos da carne”. Esse era exatamente o desafio de que o jovem